

A QUESTÃO DO SAGRADO NO LABIRINTO DE CRETA

Diogo dos Santos Silva – Mestrando UFRJ

Resumo:

O mito helênico do Labirinto de Creta foi explorado e pensado durante diferentes fases da história da literatura ocidental. Seu encanto e sua perplexidade foram o mote de diversos poetas e filósofos. Esta comunicação visa à investigação do mito através da análise de dois eventos: o da katábasis, a descida às zonas íferas, e o da tauroctonia, o sacrifício do touro celestial. Estes dois eventos constituíam importantes rituais para os povos antigos. Seja no culto trazido da Pérsia, pelos soldados, a Roma - o Mitraísmo -, seja na Demanda do Santo Graal, seja no Épico de Gilgamesh ou no mito de Sigurd, encontramos tais eventos nos mitos fundadores de diferentes culturas. Através da análise em fontes celta, germânica, hindu e assíria, tentaremos reconstituir estes antigos ritos e o seu valor religioso para os povos antigos, resgatando assim o valor sagrado do labirinto cretense e dos personagens envolvidos: Ariadne, Dioniso, o Minotauro, Pasífae, Talos e o grande herói ateniense, Teseu. Este texto visa a investigação deste mito através da análise de dois eventos: o da katábasis, a descida às zonas íferas, e o da tauroctonia, o sacrifício do touro celestial.

Palavras-chave: Labirinto – Touro Celestial – Katábasis - Tauroctonia

Quando, no final do século XIX, Arthur Evans iniciou suas escavações na Ilha de Creta, no sítio de Cnossos, ele revelou aos homens modernos uma civilização até então desconhecida. O famoso arqueólogo, em seus trabalhos acadêmicos tentou de diversas maneiras resgatar, nas peças que desvelara, o fundamento mítico que não pôde ser desencavado, pois a escrita minóica legou apenas cifras e registros comerciais. Aquelas misteriosas e únicas peças que a todo instante traziam à presença da memória os mitos helênicos, em sua mudez faziam mais misteriosos e profundos aquilo que se acreditava serem apenas histórias pitorescas de um povo rudimentar. A descoberta das inúmeras cabeças de touro, dos inúmeros machados duplos e das estátuas representando a deusa das serpentes, fazia ecoar, a todo instante que uma nova peça era desencavada, a questão: que é o Minotauro? Que é Ariadne? Estes mitos não são apenas lendas em que os antigos gregos acreditavam como afirmara George Grote, autor dos doze volumes de “History of the Greece”. Estas peças, descobertas por Evans e sua equipe, desvelaram novamente a questão do que é o sagrado e o que é o pensamento mítico.

Tentaremos a seguir através de diferentes fontes literárias, resgatar o sentido sagrado para os gregos dos eventos míticos que se sucederam na Ilha de Creta. Para iniciar nosso caminho ouçamos, portanto, mais uma vez a história, legada a nós, do Minotauro, de Ariadne e de Teseu.

O rei de Creta, Asterion, morrerá e não deixará filhos. Minos, seu filho adotivo, clama então o direito na sucessão do trono, dizendo que ele fôra o eleito dos deuses e que qualquer coisa que pedisse os deuses lhe confiariam. Posídon envia-lhe então um touro das profundezas do Oceano para que fosse sacrificado por Minos. No entanto o animal era de maravilhoso porte e de tão rara beleza que Minos hesita em matá-lo, sacrificando outro no lugar. Minos conquista, com este artifício, o trono da Ilha de Creta, no entanto, a hesitação de sacrificar o touro acende a cólera Posídon. O Deus Oceânico faz do touro um animal selvagem e furioso que devasta os campos de Creta. Afrodite, em algumas fontes devido a um ressentimento, em outras a pedido de Posídon, faz com que a esposa de Minos, Pasífae desenvolva uma incontrolável luxúria pelo esplêndido animal.

A rainha pede então, em segredo, ao arquiteto de Minos, Dédalo, para que ele lhe construa uma vaca de madeira oca por dentro. Assim ela, adentrando no falso animal, enganaria o Touro de Creta satisfazendo sua luxúria. Do fruto desta cópula nasce um ser metade homem, metade touro, chamado Asterion, mas conhecido como o Minotauro. Minos, por instrução oracular, pede a Dédalo para que seja construído o Labirinto e lá ele encerra o terrível monstro.

Minos teve diversos filhos com Pasífae, e um destes filhos, Androgeos é morto numa emboscada na cidade de Atenas, durante os jogos da Panatenéias. Ao saber da morte de filho, Minos com sua frota invencível, ele era conhecido como o senhor dos mares, e com a ajuda de seu divino pai, Zeus, ataca e quase conquista a Atenas. Os atenienses consultam o Oráculo para saber como poderiam saciar a fúria de Minos e das pragas enviadas por Zeus. O Oráculo diz que os atenienses

deveram aceitar a penalidade que Minos desejar, o rei impõe o tributo que em certo período de tempo sejam enviados sete moças e sete rapazes virgens para o labirinto de Creta, para serem devorados pelo Minotauro.

O jovem Teseu, filho de Aegeus, rei de Atenas, retorna à sua cidade e fica sabendo do tributo que era prestado a Creta. Oferece-se então como um dos jovens a serem sacrificados. Ariadne, filha de Minos, pergunta a Dédalo como o Labirinto poderia ser vencido, esta construção era de tal maneira que aqueles que a adentrassem não poderiam sair, pois não encontravam a entrada. O hábil arquiteto lhe oferece então uma meada que ao ser desfeita indicaria àquele que entrasse, o caminho para a saída do Labirinto.

Ariadne se enamora por Teseu e lhe confia o segredo do Labirinto. O herói adentra assim nos domínios do Minotauro e mata o monstro, libertando os atenienses do nefasto tributo. Foge então com Ariadne de volta para Atenas, prometendo-lhe seu amor, no entanto, a meio caminho, na Ilha de Naxos, abandona a princesa durante seu sono e parte para o encontro de seu pai. Dioniso que passava pelo local encontra-se com Ariadne e faz dela sua esposa.

Posteriormente a captura do Touro de Creta será um dos Doze Trabalhos de Hercules, que também hesita em sacrificá-lo, soltando-o nas imediações de Maratona. O feito do sacrifício do animal, agora chamado de Touro de Maratona, é apenas alcançado por Teseu.

Apesar do encanto que proporciona a audição destas histórias, nunca as ouviremos assim como um grego as ouvira. Todo seu ritual e seu sentido sagrado já foram perdidos no momento em que foram escritas. Algumas das principais fontes destes mitos são fontes já bem tardias, são

tentativas de racionalização do mito de mitógrafos helênicos, como a Biblioteca de Apolodoro, ou de historiadores já do período romano, como Plutarco, por exemplo. Muitos eventos e diferentes versões foram unificados e adaptados por estes estudiosos para melhor agradar o apetite de homens científicos e racionais. Ou seja, diferentemente das fontes celtas e germânicas que são em sua maioria compilações de monges do trabalho dos bardos. Estas compilações pouco ou nenhuma influência cristã ou científica sofreram, sendo mais um apanhado de histórias pitorescas de um passado pagão. Já as compilações dos mitos gregos foram uma revisão de um passado mítico que não mais atendia às necessidades de um novo pensamento científico.

Tentaremos, contudo, resgatar o sentido sagrado dos eventos envolvendo o mito do Minotauro, principalmente no que concerne a dois importantes eventos: a *katábasis* e a *tauroctonia* .

A *katábasis*, do grego, “ida para baixo”, é o movimento dentro das narrativas mitológicas de descida às zonas íferas, seu mais famoso exemplo é a descida de Orfeu em busca de sua amada Eurídice. Tentaremos, no entanto, nos afastarmos das comparações com os mistérios órficos.

A descida as zonas íferas é uma epifania recorrente nas religiões originárias, Seja na conquista de Nifelheim por Sigurd ou na conquista do Santo Graal por Percival. O conhecimento do outro mundo seus portais seus mistérios e perigos era para os antigos o mais valioso dos conhecimentos, pois era o conhecimento da morada dos deuses. Nas religiões originárias os deuses não habitavam os céus, mas sim as profundezas do mundo. O deus Sol, o deus primeiro não é aquele que está fincado nas alturas como pensamos, mas sim aquele que nasce das profundezas do oceano, atravessa abobada terrestre para depois retornar

à sua morada, as profundezas. Portanto mesmo em uma tradição em que os deuses habitam as alturas do Monte Olimpo, ainda persiste a memória das profundezas sagradas.

A *katábasis* constitui-se no mito que analisamos pela invasão nos territórios do Minotauro. O Labirinto é o Outro Mundo, ou assim como chamam os galeses, o Annwn. O monstro que o habita é o rei deste mundo, o Zeus Ífero. Portanto a conquista do Labirinto fará de Teseu, o maior dos heróis, e lhe garantirá a mão da rainha do sub-mundo, Ariadne.

O percurso de Sigurd, o grande herói germânico, é exatamente o mesmo de Teseu. O jovem guerreiro, imbuído de sua grandiosidade, desce à Nifelheim, mata o dragão Fafnir, conquista seu tesouro e se torna rei dos anões. É agraciado com a mão de Brünhild, a Valkiria, a preferida de Ódin, para posteriormente rejeitá-la, assim como Teseu rejeita Ariadne.

A entrada ao outro mundo é sempre feita pelos jovens e normalmente esta invasão acarretará a um insulto aos habitantes deste mundo. Ao adentrar nos domínios do Rei Pescador, Percival faz com que todo o reino de Logres se transforme na Terra Arrasada, a terra improdutiva onde tudo fenece. Apenas com a conquista do tesouro máximo, o Santo Graal, ele poderá fertilizar novamente a terra. O conhecimento das zonas íferas está sempre relacionado a saber mágico de fertilidade, por isso são enviados moças e jovens virgens para o Labirinto, pois são eles os mais próximos aos rituais primevos de fertilização da terra.

Dentre os símbolos que indicam a presença das forças íferas, a serpente

é provavelmente o ser mais intimamente ligado às profundezas. Carregando consigo os princípios femininos de mistério, magia e fertilidade. Lembremos portanto da deusa das serpentes cretense e do dragão (*lingwurm*) morto por Sigurd. Indra é aquele que matando o dragão vivifica a terra e a fertiliza. A serpente é também um dos símbolos de Shiva o perfeito *yogui* , o deus do equilíbrio, da destruição e da criação. A serpente é também aquela que submerge o jovem Krishna nos mistério de maya, fazendo-o aperceber-se de sua essência divina. O mesmo movimento é feito por Hades quando viperiforme abduz Perséfone fazendo-o aperceber-se de sua divindade como rainha do submundo.

O símbolo da serpente não está presente no rei do Labirinto, o Minotauro, ela, neste mito é um dos atributos de Ariadne; a serpente é o fio de Ariadne. Possivelmente, nas fontes mais antigas do mito, o fio não apenas teria retirado Teseu do Labirinto, como também o teria levado à presença do Deus Touro. Para compreendermos a simbologia do fio devemos levar em conta de que a corda é um dos princípios originários da magia. Lembremos de Ódin, e de que o deus viking é o senhor dos enforcados, lembremos do anel dos Nibelungos, que faz o tesouro dos anões se multiplicar, e do deus urânico do Rig-Veda, Varuna, senhor das amarras. A palavra em sânscrito para amarra, nó, é *sina* , que no vocabulário latino é a palavra para destino, a maya suprema.

Perguntemos agora quem seria o touro, e qual o sentido sagrado da tauroctonia.

O sacrifício do touro celestial é um episódio mítico recorrente em diversas mitologias. Possivelmente a religião da antiga Pérsia foi a que

nos legou os motivos mais impressionantes da tauroctonia.

Curiosamente não encontramos este episódio nos textos sagrados do Zoroastrismo, os Avestas, encontramos-lo já tardiamente na religião mitraica nas provinciais e na capital do Império Romano. Nos hinos de Zaratustra quem assassina o touro celestial é o grande deus do sub-mundo. Os Gathas nos contam que Angra Mainyu. mata o animal primordial, e as sementes da vida terrena provenientes de seu sangue são salvas por Mah, a Lua, Rainha da Noite, que as espalhas, fecundando a terra.

Na tardia religião mitraica, o Yazata Mitra, o justo, o invencível, aquele que fora nascido da pedra, o avatar de Ahura-Mazda, nos primórdios do tempo vagava pela terra vivendo aventuras e desafios, até que o Sol envia o seu emissário, o corvo, ordenando que Mitra capturasse o Touro Primaveral, o primeiro ser vivo criado por Ormazd, e o sacrificasse. Com muita dor e hesitação Mitra, realiza este terrível feito, captura o Touro, erguendo a cabeça do animal primordial pelas narinas e, resignado, encrava-lhe a espada, desviando seu olhar do terrível feito. E do sangue do sacrifício purificado por Mah a terra é fertilizada, nascendo assim os animais e as plantas. O desvelamento da representação da cena da tauroctonia de Mitra era o momento maior dos rituais da religião mitraica.

Nas fontes persas o sacrifício do Touro Primaveral é feito pelo deus das zonas íferas e na religião mitraica, da qual existem insignificantes registros escritos, o sacrifício é feito pelo grande deus solar persa, intercessor dos homens, padroeiro da justiça e do equilíbrio. É estranha para nós a compreensão deste movimento. Seria isto estranho para um

homem da antigüidade?

Lembremos do Zurvanismo, ramo extinto do Zoroastrismo, que tinha como Zurvan, o princípio primordial e criador. Esta seita que foi introduzida no Império Persa, possivelmente, durante o período Acaemenida e foi oficializada durante a Dinastia Sassânida, parte suas reflexões do trigésimo canto do Yasna, que é o livro mais antigo dos Avestas. Segundo a interpretação dos Magi, este canto diria que Ahura-Mazda, o Zeus persa, e Angra Mainyu, Hades, seriam duas entidades que co-existem harmonicamente durante toda existência, criados pelo princípio universal. No pensamento zurvanista o grande deus celestial e o deus ífero teriam a mesma essência, seriam gêmeos, não havendo, portanto uma dualidade entre a esfera celestial e a ífera, elas seriam a mesma, pois se conjugam no princípio universal do equilíbrio.

O deus ífero e o deus celestial são o mesmo. Por isso Mitra é aquele que mata o touro, pois ele é o avatar de Mazda, ele é parte do deus e é também, portanto, parte de Angra Mainyu, assim como na religião dos gregos em que vemos que Zeus, Hades e Dioniso são o mesmo, cada um ocupando uma das três esferas que compõem o mundo. E nas religiões cristãs verificamos o mesmo princípio, mesmo que insistentemente velado. Deus, Cristo e Lúcifer são o mesmo. Deus é o antigo deus urânico, o criador, que assim como Vishnu, após criar o mundo recolhe-se em seu sono divino, enviando apenas em momentos extremos um de seus avatares para a terra, seu avatar é Cristo, que assim como Krishna, traz o conhecimento derradeiro e divino aos homens. Lúcifer é o antigo princípio solar, que nasce das profundezas, atinge o ápice da abóbada celeste para novamente mergulhar nos infernos. Se Deus é aquele que traz a si Seus seguidores, Lúcifer é aquele que pune Seus perpetradores. Basta lembrarmo-nos da *Divina Comédia*, e veremos que Lúcifer mastiga eternamente a alma de Judas, ele não o faz um de seus asseclas,

pois o Demônio e Deus são um e o mesmo. O deus germânico Ódin foi um deus que conseguiu conservar sobre um único atributo as três características; a celestial, a terrena e a ífera.

O touro é, portanto, o princípio divino da fertilidade e o seu sacrifício é o sacrifício do próprio deus, que derrama seu sangue sobre a terra agraciando, assim, todos os seres terrenos, as plantas, os animais e o homem com a força divina do florescimento.

Percebemos assim o sentido sagrado da *katábasis* e da *tauroctonia* no mito do Labirinto de Creta. Pensemos, então, os personagens nele envolvidos.

Quem é Minos, o grande rei da Ilha de Creta? A figura de Minos está de diversas maneiras associada à imagem do touro. Seu pai é Zeus, que lhe concebera quando metamorfoseado em touro, raptara Europa e levada para Creta e lá o deus tauriforme copulara com ela. Minos é, portanto filho do touro, e sua esposa Pasífae, fôra aquela que, em sua luxúria, entregou-se ao touro vindo das profundezas.

Após a morte, Minos e seus irmãos, Rhadamanthys e Aiakos, foram agraciados por Zeus como juizes dos mortos. Esta posição foi-lhes confiada em recompensa pela primeira constituição feita sobre a terra pelos três sábios irmãos.

Pasífae, cujo nome significa “toda brilhante”, é a esposa de Minos e mãe do Minotauro. Pasífae é uma das filhas do grande deus Sol, Hélios, e, assim como sua sobrinha Medeia, conhece os artifícios da feitiçaria. Já que Cinaethon, em sua genealogia, identifica o gigante de bronze, Talos, como o antigo deus sol cretense, Pasífae seria filha do protetor de Creta. A união de Pasífae com o touro cretense repete mais uma vez o tema do casal primordial a Terra e o Céu, que em sua luxúria incessante cria as forças primaverais do cosmos. Possivelmente o animal enviado por Posídon a Ilha de Creta seria nas fontes mais antigas o próprio Rei Minos, tauriforme, pois eis que seu filho e seu pai de criação têm o mesmo nome, e, sobretudo por ele ser o filho de Zeus metamorfoseado em touro. Minos é o juiz do sub-mundo e seu filho, o Minotauro, o rei deste mundo. Este princípio do pai e filho, reis do inferno, repete-se também no ramo mitológico do Mabinogion, Pwyll, rei de Annwn, e seu filho Pryderi, são vítimas de um ardil, são traídos pelos guerreiros de Math. Pryderi, na tentativa de resgatar a honra de seu pai, é morto pelo guerreiro Gwydion em um combate singular que decidiria a vitória da disputa entre o Annwn e o reino de Gwynedd.

A demanda de Teseu não tenha sido simplesmente a destruição do monstro devorador de jovens que habitava o labirinto, mas na verdade, sua demanda seria a conquista do submundo, pois matara o seu rei e casara com sua filha. A conquista do mundo ífero é a maior aventura, a aventura que provaria o valor do rei ou do guerreiro que a completasse. Arthur e seus cavaleiros conquistaram e refertilizaram o reino do Annwn roubando o maior de seus tesouros, o Graal. Sigurd conquistou Nifelheim e seu tesouro, recebendo assim a mão da preferida de Ódin. Gilgamesh, quando já havia conquistado tudo que pudesse conquistar, quando já havia se aventurado em todos os perigos, parte junto com Enkidu para a Floresta do Líbano, matando seu guardião Humbaba e conquistando seu grande tesouro, o Cedro Libanês, a melhor e a mais bela das madeiras. Com esta conquista Gilgamesh se desgraça frente a Enlil e, é, assim, amaldiçoado pelo grande deus assírio.

E Ariadne, quem seria Ariadne? Ariadne foi a filha que traiu seu pai e seu irmão pelo amor de um estranho, para logo depois ser abandonada durante seu sono na Ilha de Naxos. O sono de Ariadne foi um motivo extensivamente celebrado pelos artesãos gregos, pois o sono induzido por Hypnós, não só era a chance de Hermes, ou Atenas, de impelir Teseu a partir sem Ariadne, como também indicava a aproximação de Dioniso, com o surgimento das vinhas.

Dioniso é o avatar de Zeus entre os homens, assim como Krishna é o avatar de Vishnu. O casamento e a apoteose de Ariadne simbolizam não a deificação de uma mortal que caíra nas graças de um deus embriagado, mas sim, o resgate do deus ofendido de sua esposa raptada.